

Ribeirão da Ilha e suas bandas

Por Alécio Heidenreich.



Os músicos Hemerson Calandrini e Wellinton Correa afinam seus instrumentos na sede da Banda (fevereiro de 2011).

Por volta de 1870 vivia na Freguesia de Nossa Senhora da Lapa, hoje Ribeirão da Ilha, um povo cuja atividade principal era a pesca. Poucos eram os que se dedicavam à cultura da terra. Embora fosse um povo com baixo grau de escolaridade, sabiam apreciar as artes, principalmente a música. Tinham como costume nas noites quentes de luar, sentarem-se nas calçadas até altas horas da noite para cantarem ao som do cavaquinho, violão, pandeiro e outros instrumentos populares.

O amor pela música fez com que numa daquelas noites alguém falasse em fundar uma banda de música. Todos riram, parecia uma piada. Mesmo assim, a idéia foi crescendo. Liderada por Benevenuto Silva, Fabriciano Souza, João Rosa e outros, conseguiram, não sabemos como, nem onde, um instrumental em péssimas condições de uso. Nascia a primeira banda do Ribeirão.

Para fazer os instrumentos funcionarem era preciso eliminar os vazamentos com cera de abelhas. A quantidade de cera empregada chamava a atenção do público que não perdeu tempo em denominá-la a “Banda da Cera”, esquecendo o seu verdadeiro nome: “Sociedade Musical Amantes do Progresso”. O apelido não incomodava os músicos. O importante era a presença da sua bandinha em todos os eventos.

O tempo passou e nenhum outro equipamento foi adquirido e por isso a deficiência do material aumentava. Os recursos



Banda da Lapa na década de 1990. Maestro Mario João Daniel, Vilmar Alves da Silva, Manoel Fraga, Paulo Edson Heidenreich, Osmarino Avelino Vieira, Agenor Firmino da Silva, Fabiano Arnoldo Feliciano, Paulo Avelino Vieira, José Garcia, Dárcio Arcelino Nunes Filho, Valmir Xavier, Arnoldo Manoel Feliciano (Dedinha), Sidney Heidenreich, Milton Tiburcio Gonçalves, Alécio Heidenreich, Sergio Luiz do Nascimento, Fernando Luiz do Nascimento, Fabiano Luiz do Nascimento, Carlos Heidenreich.



Banda da Lapa na década de 1960, em frente a Igreja Nossa Senhora da Lapa, no Ribeirão da Ilha. Na foto, estão presentes os músicos Nelson Pedro Ferreira, Alcício Heidenreich, Milton Tiburcio Gonçalves, Agenor Firmino da Silva, Paulo Edson Heidenreich, Osmarino Avelino Vieira, Cid Heidenreich, Valdir José de Souza, Alcides Firmino da Silva, Dalmiro Venâncio da Silva, Neri Antunes da Cruz, Oscar Gustavo da Silva, Roberto Avelino Vieira (Betinho), José Olímpio Xavier.

empregados na recuperação não funcionavam totalmente, dificultando a execução das músicas.

Diante da situação, numa festa de Nossa Senhora da Lapa, o povo percebeu e sentiu que alguma coisa deveria ser feita imediatamente, antes que a bandinha desaparecesse. A comunidade não aceitava mais a hipótese de ficar sem música nas suas festas. Já haviam se passado, até então, 25 anos de alegria.

Diante do problema que se apresentava, Hermínio Silva, Gustavo Fenner, Macário Wolf, José Carl Heidenreich e outros, tomaram a iniciativa e fundaram a Sociedade Musical Nossa Senhora da Lapa em homenagem ao dia da sua santa padroeira, na festa do dia 15 de agosto de 1896. Esta conseguiu recursos



Banda da Lapa na década de 1970. Na foto, Osmarino Avelino Vieira, Agenor Firmino da Silva, Cid Arcanjo Heidenreich, Oscar Silva, Paulo Edson Heidenreich, Jose Garcia, Vilmar Alves de Souza, Manoel Arnaldo Feliciano (Dedinha), Carlos Heidenreich (Carlito), Náido Garcia, Manoel Marcos da Silveira (Canhoto), Manoel Fraga, Roberto Avelino Vieira (Betinho), Valmir Xavier, Alécio Heidenreich.

e importou da Alemanha, através da firma Carl Hoepcke, um instrumental novo (a nota fiscal fatura desta compra no valor de 580 marcos, encontra-se no Ecomuseu do Ribeirão da Ilha). A “Cera”, apesar de muito distanciada da sua co-irmã no que diz respeito a equipamentos, levava a vantagem no material humano – seus músicos eram mais experientes.

A chegada do instrumental foi num dia de festa. Até a “Banda da Cera” compareceu com seus velhos instrumentos para homenagear, executando um dobrado. Apesar de ferida no seu orgulho, reagiu e continuou humildemente o seu trabalho, executando belas melodias nas mesmas condições da sua rival, mesmo à base de cera.



No evento de comemoração ao centenário da Banda da Lapa, celebrado em 18 de agosto de 1996, foi organizado no Ribeirão da Ilha um encontro que contou com a participação de cinco bandas.

A partir daí, a Freguesia de Nossa Senhora da Lapa passou a ter duas bandas em todos os eventos religiosos, cívicos, carnavalescos e outros. Uma disputa começava. Os ensaios eram escondidos, em locais e datas alternadas e até de madrugada, para evitar que uma banda conhecesse o repertório da outra. Durante muitos anos elas apresentaram-se lado a lado, disputando a preferência do público, até que um dia aconteceu o que o povo acreditou ser um milagre de Nossa Senhora da Lapa.

Como de costume, numa festa, as duas bandas apresentavam-se normalmente. Era sábado à noite. Lá pela meia-noite o povo foi se retirando, ficando somente as duas bandas – nenhuma delas queria sair primeiro. Virou competição. Às 4 da madrugada, juntaram-se para fazer um lanche. Não havia inimizade. Após o lanche, voltaram a postos e cada uma executava uma peça como se estivessem em plena festa. O dia amanhece, começa a chegar o povo e a festa continua: missa, procissão e encerramento. As bandas voltam a seus postos. Os familiares já preocupados com a situação, e os sem-pressa “soprando fogo” para ver no que ia dar. Eis que o povo chamou de milagre: uma tempestade se formou e veio com tudo, embora o tempo estivesse bom. A correria foi geral – não houve vencedor. Acabou a competição.

O tempo passava e uma coisa as duas bandas não podem mais evitar: o desgaste material. A Banda da Cera sentia a aproximação do fim de suas atividades, tendo em vista o alto grau de desgaste de seus instrumentos e a falta de recursos para substituição. Os músicos reconheceram com tristeza que não podiam mais continuar o seu trabalho. Para os mais insistentes e apaixonados pela música, só restava uma solução: juntar-se à Sociedade Musical Nossa Senhora da Lapa, que por sua vez, lamentava a extinção de sua rival e acolhera com todo o carinho os velhos artistas, reforçando assim o seu quadro. Agora a banda sabia que estava só e teria que fazer o papel das duas.

Em 1935 a Sociedade consegue recursos mais uma vez e adquire um novo instrumental. Desta vez, nacional, pois já havia fabricação desses instrumentos no Brasil. As atividades continuavam normalmente. As apresentações eram feitas em todas as localidades vizinhas e até no continente. O povo orgulhava-se de ter a sua banda, sendo lugar tão pequeno. Sabiam que em muitas cidades grandes não existia e que em outras existira, mas acabara por falta de recursos.

Passaram-se 15 anos. Os instrumentos, agora nacionais – enfrentando muitas vezes transporte pelo mar, não tinham a mesma resistência daqueles importados da Alemanha, que duraram 30 anos – começaram a apresentar problemas. A solução era um novo instrumental, porém a falta de recursos era total e não havia condições de substituir nem ao menos alguns instrumentos já fora de uso. Um apelo foi feito à comunidade, que não se sensibilizava, e então a banda começava a diminuir suas apresentações.

Finalmente chega agosto de 1951. Era dia de festa de Nossa Senhora da Lapa e a banda não pôde comparecer. O povo lamentou e chorou a sua falta, mas reconheceu que era responsável por tal situação, não atendendo aos apelos dos músicos. Foi uma festa triste para quem já teve duas bandas. Éramos jovens e talvez os mais tristes, por falta de música. Na época ainda não havia energia nem som eletrônico. Não parecia ser dia de festa.

Terminada a missa, o povo recolheu-se à sua casa. Nada havia que pudesse segurar-los na festa, faltava a banda. Conversamos com alguns músicos que estavam presentes, tristes e inconformados. Neste mesmo dia foi marcada uma reunião à noite na casa do músico João Ávila para estudar as possibilidades da reorganização imediata da banda. Naquela reunião compareceram todos os músicos, mais dezessete jovens interessados em ingressar na banda. Discutiram todos os detalhes até altas horas da noite para contratar um maestro, acertar

Apresentação da Banda da Lapa sob regência do maestro Paulo Cordeiro Dutra, década de 1970.



problemas de hospedagem, transporte e outros. Começava nova luta. Vários instrumentos novos foram encomendados pelos pais dos participantes, e os antigos foram encaminhados à fábrica para total recuperação. Enquanto isso, os novatos recebiam aulas intensivas de teoria musical. Três meses se passaram. Enfim chegaram os instrumentos e começaram os ensaios práticos, que duraram nove meses.

Quando chegou agosto de 1952, dia da festa de Nossa Senhora da Lapa, a expectativa era grande. Todos aguardavam a bandinha que chegava com dezoito componentes, vindo na frente cinco veteranos para dar coragem aos treze novatos que apresentavam-se em público pela primeira vez. Tudo pronto. O maestro Brasília Machado levanta a batuta e o dobrado de sua autoria, composto especialmente para este momento, é executado: “Ressurgimento”. “Viva a banda! Nunca mais a deixaremos cair!” Era o que se escutava entre os aplausos e choros de emoção. Tudo promessa vã. A banda não precisava mais do apoio do povo. Já tinha instrumentos e uniformes novos.

A lgum tempo depois, nossos pais já cansados, entregaram-nos a bandeira de luta. Uma nova etapa se iniciava. Dois anos depois, o maestro Brasília Machado foi embora. Assumira a regência interinamente Oscar Silva. Nesse período passaram por aqui os maestros Aristides, Onofre e Lavinho. Em 1968 conseguimos o maestro Paulo Cordeiro Dutra, que se tornou um membro da família de cada músico, por causa de sua grande bondade. Através dele veio seu irmão Nilo Cordeiro Dutra, clarinetista “cinco estrelas”, e o Sr. Manoel Marcos da Silveira (vulgo Canhoto), especialista em recuperação de instrumentos.

A morte destes amigos nos deixou muito tristes e abalados. Um acontecimento que não posso deixar de registrar e me deixa emocionado cada vez que relato: o Senhor Canhoto, meu particular amigo, sempre quando eu ia levá-lo em casa, no Estreito, após os ensaios, falávamos de nossos problemas

pessoais, mas sempre a conversa recaía na banda e nas dificuldades para mantê-la ativa. Uma delas, o lugar para os ensaios, que eram sempre locais cedidos gratuita e temporariamente por alguém. Por isso mudamos de local umas dez vezes. Depois, os instrumentos e os músicos - que moravam até 30km longe do local dos ensaios, como era o caso do maestro Paulo Dutra e seu irmão Nilo Dutra, entre outros. Naquela época, o ônibus para o Ribeirão tinha só um horário, vindo para o centro de manhã e voltando à tardinha. Por isso, eu tinha que levá-los em casa após os ensaios, deixando-os em suas residências para depois então ir dormir sentado no meu fusquinha em frente à repartição onde trabalhava. Isto durou vinte anos.

Em 1998, na Festa do Divino Espírito Santo, no Ribeirão, logo no início do desfile do cortejo, meu instrumento pifou. Quando chegamos na igreja fomos ao barracão. Lá chegando, comentei com os colegas o meu problema. Tentei desesperadamente descobrir o defeito, não conseguindo. Os outros músicos também tentaram, tudo em vão. No meu desespero rezei e falei em voz alta a meu amigo Canhoto, que já havia morrido: “Quanta falta o Senhor me faz, por favor, me ajude!” Dito isto, alguns minutos depois disse aos colegas que ia em casa ver outro instrumento que estava indo para o conserto. Ao me levantar, alguma coisa me fez experimentar novamente o instrumento. Para nossa surpresa ele estava perfeito, parecia novo. Todos ficamos estupefatos. Um deles comentou: “Meu Deus, ele te escutou! Foi ele!” Muito obrigado meu amigo, o senhor continua em nossos corações.

Em 1992, o maestro Paulo Dutra afastou-se para tratamento de saúde e não pode mais voltar. Regeu a banda até 1993, Cid, meu irmão. Foi quando chegou o maestro Mário João Daniel que, com sua experiência de mestre e arranjador “cinco estrelas”, aceitou nosso convite e levou a banda ao auge de sua história, arrancando do público aplausos e elogios em todas as apresentações.



Músicos da Banda da Lapa, década de 1960. Neri Antunes da Cruz, Roberto Avelino Vieira (Betinho), Agenor Firmino da Silva, Jose Olimpio Xavier, Lorival Silva de Souza (Vavá), Osmarino Avelino Vieira, Manoel Fraga, Paulo Edson Heidenreich, Alécio Heidenreich, Dalmiro Venâncio da Silva, Milton Tiburcio Gonçalves, Valdir José de Souza, Nelson Pedro Ferreira, Alcides Firmino da Silva.

Mas aquela promessa feita pela comunidade em 1952, quando a banda voltou as suas atividades, foi esquecida até o final de 1997. A banda continuou sozinha, enfrentando todas as dificuldades. Somente em 1998 conseguimos alguns sócios contribuintes que nos ajudaram a manter as despesas com a recuperação dos instrumentos. Mesmo assim, a banda é a primeira que chega nas festas, trazendo a sua mensagem através da música.

Lembramo-nos com saudades daqueles dezoito alegres componentes que se apresentaram em 1952. Através deles, várias turmas de principiantes passaram pela banda. Aprenderam e fizeram carreira nas bandas militares. Pelas amizades que temos, trouxemos excelentes músicos profissionais de outras localidades que aqui deixaram suas experiências. Aos nossos amigos e mestres que já se foram, queremos registrar aqui, em nome da comunidade Ribeironense, a saudade, nossos agradecimentos pela dedicação e bons serviços prestados ao seu povo.



Camboriú-SC, 1974. Na foto, presentes José Lino Althof, Angelo Bonateli, Maestro Paulo Cordeiro Dutra, Agenor Firmino da Silva, Vilmar Alves da Silva, Carlos Heidenreich, Manoel Fraga, Sidney Heidenreich, Valdir José de Souza, Alcício Heidenreich, Paulo Edson Heidenreich, Manoel Arnoldo Feliciano, Naido Garcia, Nelson Pedro Ferreira, Néri Antunes da Cruz, Dalmiro Venâncio da Silva, Cid Heidenreich, Milton Gonçalves, Osmarino Avelino Vieira.

É em memória a eles que pretendemos levar avante os trabalhos que fizeram com tanto carinho. Tentaremos remover as dificuldades que surgem dia a dia. Entretanto reconhecemos que é uma missão muito difícil, pois sabemos que outros também tentaram fazer o mesmo, mas não conseguiram suportar sozinhos os problemas financeiros. Esperamos que a nossa banda não seja a próxima a encerrar as suas atividades. Por isso, fazemos aqui um apelo a todos que gostam de música, principalmente os conterrâneos, porque a banda também é deles. Saibam que a metade dos instrumentos em uso pertence aos próprios músicos e o restante já é de difícil recuperação pela antiguidade, pois foram doados em 1983 pela Base Aérea, quando soubemos que estavam em depósito para descarga. Isto significa que a sua existência está limitada. Ajudem-nos a renovar e manter a banda em plena atividade.

Devemos dizer que nos sentimos satisfeitos, felizes e até honrados em permanecer o dia inteiro presos a um banco, sem nada exigir, sem poder dar atenção às esposas, filhos, netos ou mesmo conversar com os amigos, nos dias de festa, muitas vezes até esquecidos do almoço prometido pelos festeiros. Tudo isso para alegrar o ambiente. Cabe a nós a preocupação de formar novos músicos, ensaiar, para estarmos atualizados e oferecer o melhor nesta arte.

Finalizando, lembramos que será muito doloroso para um povo que já teve duas bandas, um povo que está acostumado há mais de cem anos com a sua melodia, deixar que volte a tristeza que passou na Festa de Nossa Senhora da Lapa, em 1951. Vamos seguir o exemplo de nossos bisavós, avós e pais, que não mediram esforços para ter a sua banda. Somente com a participação de todos é que poderemos continuar trazendo alegria às crianças, aos jovens, aos idosos, enfim, a todos os que apreciam a bela arte da música. Por favor, ajudem-nos.

* Texto de autoria de Alcício Heidenreich, escrito em 1991. Adaptado do original, publicado no livro "Ribeirão da Ilha vida e retratos: um distrito em destaque", de Nereu do Vale Pereira e Francisco do Vale Pereira (Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes, 1991. 502p.).